



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

O ideal do bolchevista



— Emfim, só!



PALESTRA AMENA

Da ortografia

Uma das coisas em que ainda não estão de acordo todos os portugueses — e bem poucas são aquelas em que estão de acordo — é na ortografia a adoptar, a qual, por muitas causas, que é ocioso enumerar, couvinha que fosse uniforme. E' certo que se julgou obter tal uniformidade com o decreto que tornou obrigatória a ortografia simplificada, sobre principios racionais que respeitaram a indole e as origens da nossa lingua, mas a verdade é que, quando julgamos que acertámos na escrita de determinada palavra, esta aparece-nos, em jornais, de tal modo transformada que a desconhecemos — e o melhor é que, em cada jornal, ela se escreve de diverso modo. Vejam, por exemplo, a palavra Rossio, que era Rocio ainda ha pouco tempo e que passou a ter a escrita antiga, por motivo de lhe desmancharem o empedramento, ao que supomos...

Ora bem: seja Rossio ou Rocio, ou Russio, ou Rucio, ou como melhor lhes parece, o que urge é que os senhores dos jornais se ponham de acordo, pois que só em Portugal tais divergencias se notam na imprensa periodica — se puzermos de parte algumas publicações da especialidade, e não populares. E porque é que lá fóra se procede d'este modo? E' porque lá fóra se tem a consciencia de que é o jornal que orienta e publica em muita coisa e em especial no modo de escrever as palavras, como tambem acontece em Portugal, onde é vulgar dizer-se, a justificar tal ou tal escrita: — «Nos jornais vem assim», afirmativa em extremo lisonjeira para os jornalistas, que o publico (coitado!) imagina que são uma especie de açambarcadores de sabedoria.

Vamos, pois, escrever todos da mesma maneira, valeu? A' familia, ao namoro, a particulares, escrevemos como nos der na gana, como a fantasia mandar, seguindo as complicações ortograficas dos nossos pais, as extravagancias de Garrett, ou outras que inventemos; mas para o publico, para que tenhamos direito á consideração que nos dá, assentemos n'uma forma unica, na official, já agora, pelas razões de nos evitar locubrações e de ser aquella que se usa nas repartições publicas, isto é, aquella em que escreve pelo menos, a terça parte da população portugueza.

Assim será bom que se faça, não devendo o leitor reparar em que esta palestra esteja em contradição com os principios que expomos, porque nós temos telha, da qual, porém, prometemos curar-nos dentro em pouco. — «Assim é que se escreve no *Seculo Comico*», dir-se-ha em breve — e creiam que é como se citassem o Evangelho.

J. Neutral.

O transito de Lisboa

Desde que se nos meteu em cabeça que Lisboa é uma grande capital, principiámos a inventar que a aglomeração nas ruas é enorme — e parece até que se vai criar uma policia especial para regular o transito, ou que se vai fazer um regulamento especial para a policia existente. E é que já agora toda a gente está convencida de que Lisboa é, na verdade, uma Babilonia e não tarde que mais uma lei, postura ou coisa parecida venha aí, a empatar quem tem de ir á sua vida.

A estas horas deve estar nomeada a respectiva comissão, á qual pedimos licença para apresentar o seguinte re-



gulamento de transito, afim de evitar aos seus membros alguma meningite.

Artigo 1.º — Os transeuntes nas ruas da capital formarão duas bichas paralelas, com movimento em sentido inverso: uma caminhará pela direita e a outra pela esquerda, o que lhes será indicado pela policia.

Estabelecido isto, não ha a minima duvida de que os que devem tomar a direita, tomarão a esquerda e vice-versa.

Art. 2.º — De minuto a minuto a policia ordenará, gritando, que toda a gente fique parada. Resultado: toda a gente se põe andar apressadamente, seguindo o seu destino.

Art. 3.º — Quando á policia convier que todos parem, gritará: — Corram!

O efeito, já se sabe, é ninguem dar mais um passo.

Eis o problema resolvido, sem grande trabalho.

Estranhando...

Os senhores não se importam com coisas que julgam minimas, mas nós temos a obrigação de as registar, porque ás vezes originam perturbações maximas.

Nunca repararam nos mapas que os jornais diarios costumam trazer sobre mares, nascimento e ocaso do sol, etc.? Pois reparamos nós e acabamos de ver em certa folha matutina, tres dias a seguir, que a aurora raiou ás 4,21 horas e o sol nasceu ás 3,43.

Ora quando lá por cima as coisas correm n'esta desafinação, nascendo o sol uma hora aproximadamente antes de romper a aurora, não é de admirar que cá por baixo tudo corra tão desastrosamente!

Enganos

Publicou-se ha pouco uma lei determinando que a todos os professores primários seja concedido aumento de subsidio para residencia — e imagine-se o gaudio que foi por esse paiz fóra. Eis senão quando no *Diario do Governo* aparece uma rectificação: tal aumento é só para os professores das sedes dos concelhos.

Coincidiu o aparecimento da rectificação com o registo d'um extraordinario numero de apoplexias fulminantes na provincia.

Bacalhau pôdre

Ena, o que aí vai lá porque um cavalleiro, ou muitos cavalleiros, faziam empenho em envenenar a população portugueza com bacalhau pôdre! E o que tem mais graça é o ar admirado com que se fala na pouca vergonha, como se constituísse novidade, como se estivessemos habituados a ingerir sómente generos purissimos, postos á venda só depois de convenientemente analisados — como se não tivessemos de tapar o nariz quando passamos pelas casas de pasto!

Querem os senhores saber (se é que o não sabem perfeitamente) como no mercado do Aterro, em tempos, e provavelmente ainda agora, se procedia ao exame do peixe, para conhecer se era proprio para o consumo? Tal exame,



que devia ser feito por um sub-delegado de saude, estava cometido a um fiscal camarario, cujas funções officiais consistiam em cobrar o imposto denominado de *terrado*. O dito fiscal agarrava n'um peixe, cheirava-o e decretava:

— O rabo está pôdre; o resto está bom. Corte o rabo e pode vender o resto.

Quem diz o rabo diz a cabeça ou outra parte qualquer — e isto foi presenciado, e naturalmente ainda é, por centos de pessoas, todos os dias, sem que até hoje tenha havido a menor queixa. Em resumo: o habito é uma segunda natureza, e o habito é comer-mos peixe pôdre. Se agora nos dá na veneta não comermos senão peixe são, o estomago estranha, reponta e o organismo é capaz de se desafinar.

Não sejamos exigentes, que diabo!



O «Jerolmo» banhista

Carta do «Jerolmo»

Indultrada isposa

Cigundo te mandei dezer no vilhete postal que hades ter arresebido pur mão du noço cumpadre çancristão purque nus correios nan ce pode uma peçoã fiar i vai da in arresolvi mandarte u vilhete pello purtador, já deves çaber cu ferrador in vista da minha duensa du bofe me mandou pra banhos pur iço iscrevute esta da Figüera da Fós pra adonde vim pur cer a peraiã de mais fama in trinta legoas ó redol, i olha que nan istou arrepindido purque pur dez mel reis pur dia istou num hotle munto von que inté me dão çardinhas ó almoso fanecas ó jintar i á seia fogo vistas linguissa nan fallando nu culção da cama qui é de çuma á cerradurra i du cuarto qui é na craveira. A peraiã é assiadicema, a carrossa du lixo in cendo uma ora da tarde anda pellas ruas, as çupeiras çacodem us tapetes toudo u dia das jinelas i nan á cá a pouca bergonha ca contesse in oitras terras de ce inxarcarem as ruas cum regas, antes pello cuntraio in fazendo um pésinho de vento anda toudo u bicho nu ar que inté us polmões d'uma peçoã ce arregalam. Tamem u pouvo é munto ben criado, princepalmentes as pecheiras que in a jente le ófresendo sinco mel reis pur meia dusia de carpaus de gato mandão a jente áquella parte que



tu çabes. Us advertimentos é que ção muntos a çaber: munta jente a ulhar uma prá oitra de manhẽ na peraiã i á tarde nu cazino adondes á noute ce dá á perna cum bon fin, ou pur oitra, pra çasar, animatofos, retratos a 250 reis cada sinco i um ome a vender pirolis i a dezer ás çaxopas: xóra! xóra! é tan douce! Já ce çabe cumo as çubescistencias istan pela ora da morte á menina que almosa i janta pirolis i fás açim a festa cum pataco pur dia. Peçoas cúnhesidas pur inquanto çó u mê culega nas letras Juão de Barros, u ator Rapouso du Nassional, que introu pra ópra i cum isto nan te infado, mais porque tanhẽ de ir prantar um tustão nu 26 da ruleta pur cer u numbro dus noços anus de çasados i dá muntas arremudasões deste teu isposo ca vida te deseija inté ó dia de juiso ámem, ós noços bacros i mais familia. Figüera da Fós 20 de çetembro de 1919.

Jerolmo.

Emprezarito do Pau/teama de Pe/as Ruivas

EM FOCO

Madame Helies

"A mãe dos soldados portugueses"



Coisa alguma faltou á tal madama, Conforme era dever da rapaziada: Discursos, fogueitorio, jantarada, Tudo o que possuimos de mais fama.

E' certo que houve um militar da trama Que pouco bem a recebeu de entrada, Mas é percalço que não vale nada E em que toco sómente pela rama.

Preitos, emfim, de toda a natureza E, para complemento, esta poesia Que é, áparte a modestia, uma beleza.

Belmiro a çosagrou! Quem tal diria?! Palavra que é a unica franceza Que se pode gabar d'essa honraria!

BELMIRO.

Desmentidos

ele assinalada, sem faltar um decimillimetro.

Noticiaram os jornais que ha dias foram inutilizadas 27 toneladas de peixe e os interessados (não os consumidores, que esses não têm interesse nenhum n'estas coisas) publicaram um desmentido n'estes termos: «Só foram inutilizadas perto de 9 toneladas...»

Só? Que barulho por causa de meia duzia de petingas!

Ora como os rapazes são endiabrados, certo dia os discipulos lembraram-se de lhe fazer uma partida, a qual consistiu em erguer a pedra, collocar-lhe por baixo um jornal e pô-la de novo onde estava.

— Chegou a noite e o nosso sabio subiu ao costumado ponto de observação. De subito, exclamou, com os olhos esboghados:

— O' que extraordinario fenomeno!

— Que foi? que ãoi? interrogaram

Monte que desce

Segundo se lê nas revistas scientificas o Monte Branco, cuja altitude era de uns cinco mil metros, acusa, pelas ultimas medições, uma diminuição de cincoenta metros na sua verticalidade, facto que nos leigos tem causado enorme assombro. E nos leigos dizemos, porque os sabios apresentaram immediatamente mil explicações do fenomeno, todas elas satisfatorias...

E a proposito, aí vai uma anedota, que talvez não conheçam, mas se conhecem façam de conta que não conhecem e fiquemos amigos como d'antes.

Certo astronomo, professor n'uma universidade alemã, era tido como infalivel em calculos e todas as noites costumava subir a um pedregulho que havia na cerca da escola e d'ái observava a altura das estrelas e d'outras bugigangas que povoam os espaços celestes, verificando, com um sorriso superior, que os astros se conservavam á distancia da terra por



os alunos, que se encontravam perto, á espera do resultado.

— Que foi?! Ou a tterra subiu, disse o catedratico, ou os astros desceram!

Tivera artes de aperceber a differença produzida pela espessura d'uma folha de papel, desdeobrada!

Não é inverosimil. que com o Monte Branco se tenha dado caso semelhante. Aquilo foi pedrinha que tinha por baixo e que os garottos lhe tiraram.

A verdade sobre a guerra

«HAVANA, 8.—Um jornal d'esta cidade diz que o ataque dos peles vermelhas aos aviões americanos foi uma película animatografica de acordo com um operador».
(*Dos jornaes*).



O incompreendido :

—Aqueles patetas dos aliados ainda não perceberam que o que eu queria fazer era uma fita cinematografica !